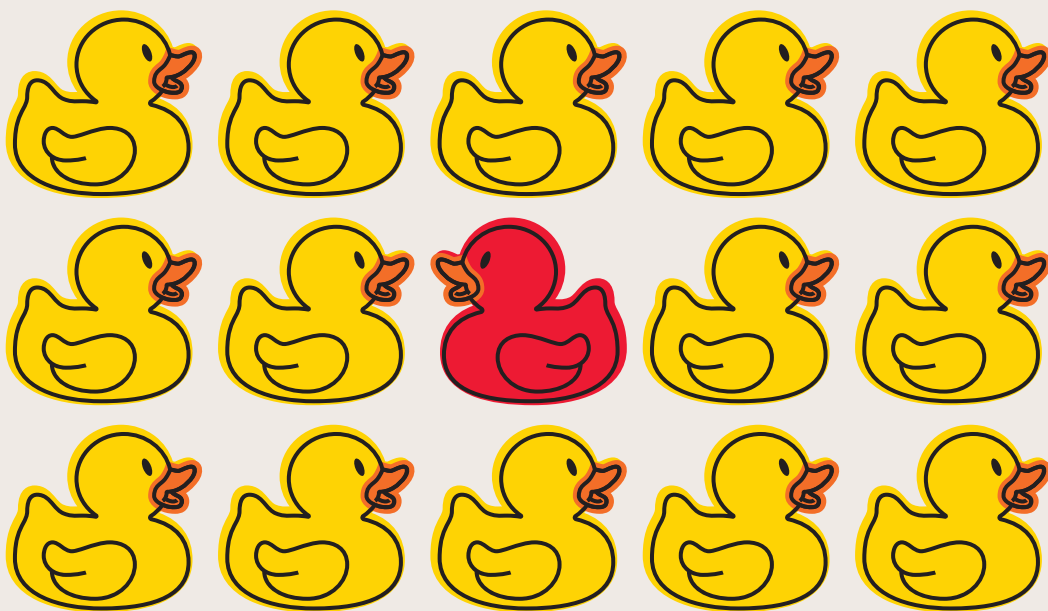


Christian
Dunker

Cláudio
Thebas

A REVOLTA DOS PATINHOS FEIOS



COMO TRANSFORMAR SUA
INADEQUAÇÃO EM PERTENCIMENTO

PAIDÓS

**Christian
Dunker**

**Cláudio
Thebas**

A REVOLTA DOS PATINHOS FEIOS

**COMO TRANSFORMAR SUA
INADEQUAÇÃO EM PERTENCIMENTO**

Copyright © Christian Dunker, 2026
Copyright © Cláudio Thebas, 2026
Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2026
Todos os direitos reservados.

Preparação: Lígia Alves

Revisão: Bonie Santos e Queni Winters

Projeto gráfico e diagramação: Gisele Baptista de Oliveira

Capa: Eduardo Foresti | Foresti Design

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
ANGÉLICA ILACQUA CRB-8/7057

Dunker, Christian

A revolta dos patinhos feios : como transformar sua inadequação em pertencimento / Christian Dunker, Cláudio Thebas. – São Paulo : Planeta do Brasil, 2026.
192 p.

ISBN: 978-85-422-4387-1

1. Desenvolvimento pessoal 2. Comportamento 3. Relações humanas 4. Psicologia I. Título II. Thebas, Cláudio

26-3302

CDD 158.1

Índice para catálogo sistemático:

1. Desenvolvimento pessoal

Ao escolher este livro, você está apoiando o manejo responsável das florestas do mundo, e outras fontes controladas

2026

Todos os direitos desta edição reservados à
Editora Planeta do Brasil Ltda.

Av. Paulista, 854, 2º andar – Bela Vista

São Paulo – SP – CEP 01310-913

www.planetadelivros.com.br

faleconosco@editoraplaneta.com.br

INTRODUÇÃO: PALHAÇOS, PATOS E PSICANALISTAS 12

A REVOLTA DOS PATINHOS FEIOS 25

1. Inadequação e pertencimento 35
2. Andando entre coragem e covardia 40
3. A coragem do nós 49
4. Psico-pato-logia da inadequação 58

A REVOADA DAS ARARAS SOLIDÁRIAS 77

5. A falta de curiosidade matou o pato 85
6. Nove tropeços para recuperar a curiosidade perdida 96
7. A arte da criação de comunalidades 104
8. Re-voltando e re-voando 113
9. Corte e costura da escuta em rede 128

A REVOLUÇÃO DO CISNE VERMELHO 133

10. A um bambolê de distância 148
11. Escutando a voz da floresta 158
12. O sacrifício do cisne interior 164
13. A revolução dos monstros 174

CONCLUSÃO: PERSONAGENS, PAISAGENS E MUNDOS 184

Como patos, andamos sozinhos, nadamos em lagos e mares, voamos para o sul ou para o norte e depois voltamos. A história do patinho feio foi recolhida do folclore dinamarquês e publicada por Hans Christian Andersen em 1843. Mais tarde foi transposta e popularizada no cinema, em 1939, por Walt Disney, como último volume da *Sinfonia da Tólice* (*Silly Symphony*). Gradualmente tornou-se um paradigma narrativo de inadequação, imperfeição e solidão em tempos modernos.

Vamos recapitular os fatos e os patos:⁴

1. Chega o verão e, no quintal de uma fazenda, nasce uma ninhada de patos. A pata mãe diz para os que nasceram: *Vocês estão achando que isto aqui é o mundo inteiro? Esperem até conhecerem o jardim. Ele se estende muito além dos campos da casa do padre, mas eu jamais me arrisquei a ir tão longe.*
2. Um dos ovos demora mais tempo para quebrar, e uma amiga da mãe comenta: *Tenho certeza de que é um ovo de peru.* Quando nasce um pato mal-humorado, a amiga diz

4 ANDERSEN, Hans Christian. The Ugly Duckling. In: *Illustrated Works of Hans Christian Andersen*. London: Chancelor Press, 1843.

que *ele deve ser expulso*, mas a mãe o defende: *Ele não é bonito, mas é bem-comportado e nada tão bem, talvez melhor que os outros. Quando crescer ele vai ficar bonito, e talvez um pouco menor.*

3. O patinho feio cresce sendo desprezado. Grande e desajeitado demais, riem dele todos os dias. Vai ficando cada vez pior, até mesmo seus irmãos e irmãs dizem que ele é muito feio. Profetizam que o gato vai comê-lo. Bicado no pescoço pelos irmãos, derrubado pelas galinhas, chutado pelas crianças. Até mesmo sua mãe acaba confessando que *gostaria que ele nunca tivesse nascido.*
4. O pato feio cresce e foge para o pântano dos gansos selvagens. *Eles têm medo de mim porque eu sou feio.* Entre os gansos ele escuta: *Você é um pato exageradamente feio, mas isso não importa, desde que você não queira se casar com alguém de nossa família. Você é tão feio que nós simpatizamos muito com você. Não gostaria de vir com a gente e se tornar uma ave migratória? Em outro pântano existem belas gansas selvagens. Lá é sua chance de conseguir se casar.* Chegando lá, os gansos são abatidos por caçadores, e até eles desprezam o pato feio. Ele conclui para si mesmo, na sua solidão: *Graças a Deus que sou feio, nem mesmo o cachorro quer me morder.*
5. O pato feio se refugia numa cabana onde moram uma mulher, um gato e uma galinha. A primeira coisa que ele escuta: *Espero que não seja um pato, pois gostaria de comer alguns ovos de pata.* Em troca de abrigo, o pato feio finge ser uma pata poedeira, que vive sob ameaça constante: *Bote alguns ovos e aprenda a ronronar o mais rápido que puder.*
6. O pato feio foge e passa a viver sozinho no lago. O inverno chega e os corvos pousam nas árvores. Os gansos migraram para o sul. O frio aumenta, e ele começa a congelar. Acaba sendo salvo por um camponês que o leva para sua casa. Ali, seus filhos começam a brincar com o pato, que

se assusta, voa pela cozinha, pisa na comida e é expulso pela dona da casa.

7. Passa o resto do inverno na neve; chegam a primavera e o canto da cotovia. Até que, de um matagal nas imediações, surgem três lindos cisnes brancos, farfalhando suas asas e nadando graciosamente sobre as águas tranquilas. *O patinho, então, se lembra daquelas aves maravilhosas, e estranhamente se sente mais infeliz do que antes.* Com base nas sucessivas experiências de desprezo e humilhação que enfrentou, ele pede pelo seu destino. *Mate-me*, diz o patinho, e curva a cabeça para a superfície da água, já esperando para morrer. Mas o que ele vê nas águas cristalinas do lago? *A própria imagem: não é mais uma ave com penas escuras e cinzentas e aparência feia e desagradável. Ele se tornou um lindo e gracioso cisne.*
8. O pato feio é finalmente reconhecido por seus pares. Outros cisnes nadam em sua direção e fazem carinho em seu pescoço. Dali, onde ele havia sido bicado no pescoço pelos irmãos patos, agora vem um gesto de carinho. Ele se sente feliz e mais forte, por ter superado tantas dificuldades. Crianças que antes o maltratavam agora lhe jogam pão e bolo. Outras aves invejam sua beleza. As crianças batem palmas, não para espantar, mas para apontar, com alegria: mais um cisne. Em vez de um pato feio, grande e diferente, ele se descobre *o mais jovem e o mais lindo de todos os cisnes.*

O gênero das fábulas existe desde a antiguidade. Nele animais falantes ensinam virtudes e vícios que os humanos não conseguiriam reconhecer tão facilmente se fossem contadas por meio de deuses ou heróis. O princípio básico é que um espelho deformado permite uma melhor apreciação de si do que a contemplação nua e crua de nossa imagem, ou seja, é porque o drama é encenado em estrutura de “como se” em relação à

cultura humana que ele parece captar melhor a essência do que somos. A partir do século XVI as fábulas começaram a integrar mais sistematicamente a educação de nossas crianças, acompanhando o desenvolvimento de nossa crença de que a infância é uma época da vida que exige uma linguagem especial para ser acolhida. Por isso também elas conseguem entender melhor nosso funcionamento social quando são expostas a metáforas de como nós nos criamos ficções de como somos. Narrativas desse tipo nos ensinam a amar e a desejar, a encontrar nosso lugar no mundo, mas também como devemos sofrer e expressar nosso sofrimento. A jornada do patinho feio, apesar de se originar no século XIX, parece capturar com grande precisão o sofrimento por inadequação, mas também nos oferecer os antídotos contra ele:

1. Coragem para indignar-se contra o sofrimento e sair do seu quintal.
2. Curiosidade para transformar a revolta individual em andança pelo mundo.
3. Comunalidade para passar da andança individual à revoada coletiva.
4. Consideração para reconhecer as pequenas e grandes revoluções.

Moral da história: se encontrarmos nosso lugar entre os nossos, nossa jornada de sofrimento e solidão nos tornará heróis, que pertencem a uma nova espécie. O sentimento de inadequação que vivemos em um lugar pode ser um problema do lugar, e não nosso. Descobrir quem você é torna-se questão de encontrar o lugar com o qual você combina: seu palco, seu número, sua casa, seu território.

Observemos agora como essa história, que formou gerações e mentes ao longo dos tempos, apresenta alguns detalhes menos saborosos quando olhamos para o seu processo de popularização:

1. Na versão da Disney, os patos normais são brancos, mas o pato feio é preto.⁵
2. Na versão de Andersen, o pato feio precisa fingir ser uma pata que produz ovos para os donos da casa.
3. Na maior parte das versões, sua jornada solitária é representada com traços ostensivos de pobreza e falta de recursos.
4. O fim da história eleva a miséria do pato em triunfo de cisne.

Ou seja, a fábula é também uma narrativa sobre ingredientes racistas, hierarquias de gênero e classe social que termina pela autoadequação. No fim, o quintal preconceituoso continua o mesmo, os gansos permanecem bélicos, as galinhas e os gatos ainda são tirânicos. Até os cisnes maravilhosos são maravilhosos porque conquistam a inveja de todos. Poderíamos até mesmo reconhecer essa versão alfa do patinho feio, em sua inflexão nacionalista ou xenofóbica, no hino oficial da Marinha brasileira: “Qual cisne branco, que, em noite de lua, vai navegando em lago azul”.⁶ Como se todos os cisnes fossem brancos, como se a

-
- 5 No conto original de Hans Christian Andersen (1843), o protagonista aparece como um filhote cinzento ou cinza-escuro antes de se reconhecer como cisne branco. A história costuma organizar-se visualmente em torno desse contraste. Nos recontos escolares o patinho aparece como cinza, marrom-acinzentado ou até branco destoante, enquanto os irmãos aparecem como amarelos, mas o desfecho sempre se refere à imagem do cisne como branco. Na primeira versão da Disney (1931), por ser um curta em preto e branco, a oposição cromática fica atenuada, enquanto na refilmagem em Technicolor (1939) o contraste volta a ganhar força na passagem do filhote diferente para a figura luminosa do cisne. Assim, entre 1843, 1931 e 1939, bem como nas adaptações infantis posteriores, a paleta mais recorrente permanece: patinho escuro, cinzento; irmãos amarelos e cisne final branco.
 - 6 CANÇÃO do Marinheiro. Compositor: Benedito Xavier de Macedo. 1913.

travessia fosse iluminada pela lua, como se a vida fosse um lago azul a refletir nossa luz.

Ou seja, a revolta dos patinhos feios pode ser simplesmente uma história de vingança e superação. Ela precisa ser relida de forma lúdica e empática para que possamos entender melhor o que acontece quando nos sentimos não pertencendo ao lugar, ao corpo ou ao destino a que “deveríamos” pertencer.

“A maçã não cai longe da árvore”, disse Ralph Waldo Emerson apenas quatro anos antes de Christian Andersen escrever *O patinho feio*. Isso é falso quando olhamos para pais de crianças cegas ou surdas, autistas ou esquizofrênicas, com graves doenças congênitas ou com percursos de vida, profissional ou pessoal, muito diferentes dos de seus pais. Nessa situação há um conflito entre a identidade vertical (a árvore de onde viemos, e que espera frutos semelhantes) e a identidade horizontal (que dá frutos que estão mais longe do que a sombra de seus galhos e ramos alcança). *Longe da árvore* é um livro admirável que trata disso.⁷ Nele, o autor entrevista vários pais de crianças diferentes da árvore onde nasceram, contrariando o dito popular segundo o qual ninguém nasce longe da árvore que o gerou.

Aqui o conflito é decisivo e envolve a própria situação do autor, ele mesmo gay, com dificuldade de aceitação e adequação diante das expectativas de seus pais em termos de filhos e de famílias semelhantes. O percurso da escrita do livro foi também para ele um percurso de tratamento de seu sentimento de inadequação. O conflito é decisivo, porque os pais se veem diante da alternativa de eles mesmos se aproximarem dos filhos, acompanhando-os nesse caminho de um mundo que os percebe como inadequados. Nessa via, filhos e pais se juntam

7 SOLOMON, Andrew. *Longe da árvore: pais, filhos e a busca da identidade*. Tradução de Donaldson M. Garschagen, Luiz A. de Araújo e Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

para transformar o mundo, cada qual transformando a si mesmo na jornada.

Contudo, a história do patinho feio oferece outra mensagem. Aquela na qual somos seduzidos pela ideia de que, no fim da jornada, encontraremos nosso pote de ouro narcísico. Não porque chegamos ao lugar onde estamos entre outros como nós, mas porque entre nós, os cisnes, sempre existirão alguns que são mais cisnes que outros. É o que alguns ornitólogos chamam de pacto narcísico da branquitude dos cisnes. A tragédia da *brotheragem* entre os patos machos, a opressão entre galinhas e a violência dos gatos não terá ensinado nada diferente se ao final deste périplo não aprendermos a transformar a lógica da inadequação. No tratamento psicanalítico ou no picadeiro do palhaço não estamos apenas querendo resolver problemas e ajustar pessoas e lugares às suas inadequações, mas transformar a lógica pela qual pensamos, organizamos e vivemos transformações possíveis.

Não queremos apenas transformar a solução dos problemas, como na leitura do tipo A do *Patinho feio*, mas transformar a maneira como pensamos e praticamos nossas próprias transformações. Na leitura do tipo B que estamos propondo, queremos falar em metatransformações, em mudanças da própria forma como pensamos mudanças. Por isso convocamos este termo da tradição política para descrever transformações mais amplas ou mais radicais: revolução. Existem revoluções políticas, mas também revoluções culturais, sociais e éticas. Há ainda revoluções filosóficas ou religiosas, que chamamos de conversões, ou mudanças radicais que podem acontecer numa orientação de vida. Ora, um filho que cai longe da árvore coloca em consideração uma decisão a tomar: teremos pela frente uma revolução, pela qual a árvore se transforma e começa a andar por aí, ou teremos uma luta entre inclusão e exclusão, para ver quem chega mais perto da sombra?

Não é fácil evitar devolver a inadequação recebida depois de tanta solidão, revolta e ressentimento. Como dizia Paulo Freire,

quando a educação não é libertadora, o sonho do oprimido é virar opressor. Os momentos de acolhimento, piedade, compaixão ou empatia apenas reforçam nossa ilusão de que curamos a inadequação empurrando-a para os outros ou invertendo-a. Como se a jornada do patinho feio fosse apenas um trote prolongado que cria mais um cisne violento porque descobriu que não é pato.

A figura psicopatológica do narcísico é o resultado mais óbvio desse processo de inversão sem conversão. O cínico ou *císnico* reconhece as regras do jogo em sua brutalidade, mas as desconsidera quando está finalmente voando lá no alto, junto do céu estrelado. O *narcisnismo* coopta, instrumentaliza e industrializa qualquer forma de gesto, ação ou intenção espontânea em uma figura de espetáculo. Cria personagens onde antes existiam atores. Vende a melhor versão de si mesmo, em vez de sujeitos mutantes e variáveis. Transforma em cisnes brancos ou translúcidos o que antes era escuridão, confusão e bagunça. O resultado é uma multidão de pessoas, como nós, que se sentem não pertencendo a suas imagens e personagens, mas também aos seus sonhos e desejos, a seus corpos e histórias, que no conjunto chamamos de *jornada do patinho feio*.

Muitos palhaços e psicanalistas tentam fazer oposição irônica à grande narrativa que ainda hoje domina as produções de filmes e novelas, chamada *jornada do herói*. Dentro dessa narrativa está implícito que todos nós nos sentimos patinhos feios. Isso acontece porque somos todos super-heróis sub-reconhecidos, ainda não reconhecidos ou prometidos para o reconhecimento. O sentimento de impostura e inautenticidade muitas vezes é apenas a forma invertida dessa superestimação de si.

Dos autores best-sellers de *O palhaço e o psicanalista*

Todo mundo já foi um patinho feio em alguma história. Quem nunca se sentiu estranho, inadequado, fora de lugar? Depois de explorarem o poder transformador da escuta em *O palhaço e o psicanalista*, os escritores best-sellers Christian Dunker e Cláudio Thebas propõem em *A revolta dos patinhos feios* uma pergunta diferente: e se a inadequação não fosse um defeito que a gente tivesse de corrigir, mas uma experiência capaz de nos aproximar uns dos outros?

Com bom humor e muita sensibilidade, os autores revisitam a fábula do patinho feio para investigar o sentimento de pertencimento no mundo contemporâneo. Entre psicanálise e palhaçaria, vida cotidiana e revolução, o livro mostra como a revolta pode virar encontro, a solidão pode virar revoada e a diferença pode se transformar em revolução coletiva. Um convite para descobrir que, talvez, aquilo que nos torna estranhos seja também aquilo que nos conecta e dá força a nossos vínculos.

Alguns temas abordados:

Por que todos somos um pouco patinhos feios

A coragem de não se encaixar

Pertencimento sem perfeição

A arte de transformar inadequação em potência

Revolta, ressentimento e transformação

Revoadas: o poder da ação coletiva

Escuta, cuidado e saúde mental

Curiosidade como força de mudança

Redes de apoio em tempos de solidão

Como criar mundos possíveis

PAIDÓS



9 788542 243871